

**Os Caminhos das Religiosidades e dos
Movimentos Sociais na Comunidade do Maúba,
Abaetetuba/Pará**

**The ways of Religiosities and
Social Movements in the Community of Maúba,
Abaetetuba/Pará**

Deusa Maria de Sousa¹

Adria da Silva Brito²

Lucielma Lobato Silva³

RESUMO

O presente artigo tem por objeto de análise discutir a relação entre os Movimentos Sociais e as igrejas de cunho cristão, presentes na comunidade rural Maúba, localizada no município de Abaetetuba, cidade da mesorregião do nordeste paraense, no intuito de aferir como os movimentos têm influenciado a imobilidade nessa região após a inserção das religiões pentecostais. Louis Dumont afirma que o cristianismo foi solo fértil para o advento do individualismo no mundo ocidental, pois por meio dele o indivíduo não precisa do grupo para ter intimidade com o seu Deus. Assim, mesmo mediante tal assertiva, na Amazônia do século passado era comum os Movimentos Sociais terem grande influência da Igreja Católica, especialmente nos espaços rurais.

PALAVRAS-CHAVE

Religiosidades; Movimentos sociais rurais; Pentecostalismo.

¹ Doutora em História e docente na Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Graduada em História na Universidade Federal do Pará (UFPA).

³ Doutora em Antropologia e servidora na Secretaria de Estado e Educação do Pará (SEDUC).

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the relationship between Social Movements and Christian churches, present in the rural community of Maúba, located in the municipality of Abaetetuba, a city in the northeastern region of Pará, in order to assess how the movements have influenced a mobility in that region after the insertion of Pentecostal religions. Louis Dumont claims that Christianity was fertile ground for the advent of individualism in the Western world, because through it the individual does not need the group to be intimate with ‘their’ God. Thus, even with such an assertion, in the Amazon of the last century it was common for Social Movements to have considerable influence from the Catholic Church, especially in rural areas.

KEYWORDS

Religiosities; Rural social movements; Pentecostalism.

Introdução

Este trabalho surgiu a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa PIBIC 2017⁴, que investiga a presença e a relação entre os Movimentos Sociais e a Religiosidade do cristianismo neo e pentecostal no interior do município de Abaetetuba. As reflexões foram construídas com base na observação acerca da diminuição da (i) mobilidade dos Movimentos Sociais em espaços rurais, onde o neopentecostalismo evangélico se fortalece; foram realizados questionários, submetidos à comunidade por meio de pesquisa de campo, bem como apurada revisão bibliográfica prévia sobre a temática supramencionada.

⁴ Projeto de pesquisa, intitulado *Religião e Movimentos Sociais no espaço rural de Abaetetuba-PA: Análise das lutas sociais em espaços marcados pelo sagrado*, foi desenhado em 2017. Sua marca é a análise das mobilidades dos movimentos sociais em áreas onde o sagrado pentecostal se faz fortemente presente. O objetivo é entender até que ponto as igrejas de cunho Católicas, Neo e Pentecostal podem influenciar nas ações dos diferentes Movimentos Sociais na zona rural do município de Abaetetuba-PA

Na Amazônia, o antropólogo paraense Heraldo Maués⁵ afirma que a Igreja Católica foi uma das grandes incentivadoras dos diversos Movimentos Sociais, sobretudo nos espaços rurais. A Igreja se fazia presente nas lutas ao lado do povo por melhorias na qualidade de vida e os animava para que buscassem concretizações necessárias para as suas necessidades. Assim, a pesquisa se insere na região da Amazônica Tocantina – na qual nos últimos anos as lutas sociais ora estiveram relacionadas à religião, ora dela apartadas – mais especificamente no interior da cidade de Abaetetuba, estado do Pará. Observou-se a efervescência dos evangélicos e o pluralismo religioso claramente perceptível nessas comunidades. A localidade estudada é uma região situada às margens da P.A 403, Comunidade Maúba.

A localidade do Maúba é uma área bastante vasta, cerca de mil famílias ao todo, com uma população que sobrevive da agricultura e de benefícios do governo federal, mas que sofre com o descaso dos governantes. Desse modo, foi possível observar que a população anteriormente conquistou vários benefícios, tais como: saneamento básico e luz elétrica, ainda antes de o pentecostalismo assentar suas raízes por lá.

A pesquisa de campo foi promovida por meio de questionários construídos e utilizados nas entrevistas realizadas junto aos líderes e leigos de diversas religiões, tanto católica quanto evangélica de várias denominações. Assim sendo, foi plausível constatar o quanto a oralidade tem papel fundamental dentro da pesquisa, pois por meio dessa metodologia pudemos aferir as duas principais hipóteses do projeto: 1. O quanto a religiosidade está relacionada aos Movimentos Sociais nessa localidade? 2. Como essa relação tem influência direta ou não nos movimentos sociais e como essa influência é ou não a favor das lutas sociais? Segundo Queiroz⁶, a história oral é uma técnica útil de registro de dados não documentados oficialmente.

A oralidade possui uma importância primordial no trabalho de campo, o que nos possibilitou analisar, à luz da metodologia e dos referenciais

⁵ MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010.

⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). *Experimentos com história de vida. (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1988, p. 36.

teóricos escolhidos, a fala dos agentes participantes dessa pesquisa e enfatizar a importância deles e de suas narrativas para o desenvolvimento do trabalho, além de dar voz aos agentes silenciados pela historiografia tradicional. A metodologia deste trabalho também inclui a observação de campo e a visão das pesquisadoras, recursos não menos importantes do que a oralidade, uma vez que o/a pesquisador/a deve estar sempre atento para a relação entre o indivíduo e as normas que o conduzem, bem como a intrínseca relação/contrato entre entrevistador/a e entrevista/a.

As entrevistas foram gravadas conforme a disposição do lugar escolhido pelo/a entrevistado/as. As perguntas que compuseram o questionário tiveram embasamento teórico a partir das leituras realizadas na primeira etapa do cronograma do projeto e antes da ida ao campo, e se configuravam de acordo com os objetivos da pesquisa, a se desdobrar posteriormente em outras. Foram elaboradas questões tais como: como se dá o envolvimento nos Movimentos Sociais? Quais as principais bandeiras de lutas desses Movimentos Sociais existentes na localidade? Qual sua religião? Se a congregação ou Igreja incentiva os membros a participarem de algum Movimento Social? Quais as razões de participarem em tal movimento religioso? Qual o papel exercido pelo líder religioso na igreja e na comunidade? Quais benefícios coletivos foram adquiridos por meio das lutas sociais e se a Igreja esteve envolvida em movimentos dessa natureza? Essas foram algumas das perguntas centrais, entre outras que surgiram no decorrer do processo de observação, interação e construção das entrevistas na comunidade.

As observações foram realizadas durante alguns dias em que estivemos imersos na comunidade, no intuito de perceber como as pessoas se relacionam com sua religiosidade e o quanto estão ou não (i)mobilizadas com as demandas locais, assim como desvelar suas formas de reivindicação na forma de melhorias para a comunidade por meio ou não das entidades representativas e organizadas. A transcrição das entrevistas também contou com a adoção de um acordo previamente estabelecido entre entrevistadoras/entrevistado/as de ocultação de suas identidades. Durante o processo de transcrição dos áudios, os nomes das pessoas entrevistadas foram designados com as siglas iniciais de seus nomes, e assim estão dispostas no corpo deste texto, entre outras características, tais como: grupo ao qual pertence, idade e religião.

Este trabalho tem por objetivo, portanto, apresentar uma discussão e analisar a relação entre os Movimentos Sociais e as Religiosidades presentes na localidade do Maúba, e refletir como a religião pode ser (inter) mediada diretamente ou não pelos Movimentos Sociais. Além disso, procuramos buscar respostas para a problemática inicial que impulsionou o projeto, ou seja: o crescimento das religiões evangélicas neopentecostais na localidade do Maúba é ou não um dos principais fatores para a diminuição da (i)mobilidade dos movimentos sociais?

1. A Insurgência dos Movimentos Sociais no Brasil

Diversos pesquisadores da área no Brasil entendem a importância que as religiões tiveram na relação com as lutas por melhores condições de vida, sobretudo no período da redemocratização do País. Segundo Prandi⁷, naquele período, os Movimentos Sociais estiveram fortemente associados à religiosidade, particularmente a Católica, como, por exemplo, os Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que teve sua origem diretamente ligada às ações religiosas da Igreja Católica⁸. A década de 1980, muito favorecida pelo anseio da redemocratização do País e pela participação popular, segundo Prandi⁹, foi um período de intensa efervescência dos Movimentos Sociais. Até aquele momento, a Igreja Católica se manteve forte na sua estrutura de atuação no campo e dentro dos Movimentos Sociais apoiados, sobretudo, pela Teologia da Libertação, a agir contrariamente aos atos coercitivos do Estado. A partir da década de 1990, os Movimentos Sociais passaram a ter outra configuração devido às mudanças ocorridas no campo religioso no Brasil. Foi quando os Movimentos Sociais de cunho religioso tiveram uma considerável diminuição nas lutas coletivas, pois a Igreja Católica passou a se preocupar mais com a salvação individual e renunciou qualquer posicionamento

⁷ PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 63-70.

⁸ MENEZES NETO, Antonio Julio de. As Relações da Igreja Católica com os Movimentos Sociais do Campo: a ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no MST. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 232, p. 1-10, 2008.

⁹ PRANDI, 1997.

de luta coletiva. Segundo Leonardo Boff¹⁰, as intensas lutas sociais dos movimentos populares apoiados pela Teologia da Libertação (TL) foram ‘abandonadas’ no Brasil pela Igreja Católica. Assim, padres e líderes religiosos ligados à TL foram perseguidos ou afastados. Portanto, os movimentos religiosos ligados ao catolicismo assemelhavam-se aos movimentos dos evangélicos, os quais buscam, em sua maioria, a salvação da alma, por meio de orações que os elevem ao tal triunfo no céu.

Em contrapartida, os movimentos evangélicos quase não têm envolvimento com as lutas sociais, mas não quer dizer que não tiveram, e sim que foram poucos os movimentos de luta com o povo em busca de melhorias¹¹. Esses movimentos, em maioria, se mantinham tão somente atrelados aos interesses dos “irmãos”, pessoas que compõem o grupo evangélico, fora desse grupo quase não se via luta pela comunidade ou pelo benefício coletivo.

A autora Paula Monteiro¹² afirma que o crescente número dos evangélicos no campo religioso brasileiro e seu grande poder de mobilização são acontecimentos que ainda precisam ser mais bem explorados e estudados. Segundo a autora, “[...] não resta dúvida de que, pelo menos entre as camadas mais pobres, emerge uma forma de conceber a inclusão e a ‘boa vida’ cuja influência na esfera pública ainda não foi corretamente avaliada”¹³.

A grande diversidade do campo religioso no Brasil expressa-se diante da modernidade e da globalização, que trouxe muitas modificações no seio das múltiplas vertentes religiosas, as quais passaram a ter um caráter voltado para o sagrado e a relação com o individualismo, como foi analisado por Dumont¹⁴. Segundo o autor, o cristianismo inaugurou o individualismo na modernidade, uma vez que a realização do ‘eu’ se dá com a

¹⁰ BOFF, Leonardo. *O despertar da águia*. O di-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹¹ ALMEIDA, Ronaldo R. M. Religião na Metrópole Paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27, 2004.

¹² MONTEIRO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, CEBRAP, n. 74, p. 47-65, 2006.

¹³ MONTEIRO, 2006, p. 49.

¹⁴ DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

negação do mundo e com a recusa da vida profana e, por consequência, dos problemas sociais, a fome, a falta de moradia, a desigualdade, etc.

Em suma, nos anos finais do século XX, foi possível ver uma grande modificação que ocorreu no âmbito das igrejas, quanto às mudanças no mundo, avanços tecnológicos, e o novo meio de se comunicar, incitando o que Max Weber¹⁵ denomina de secularização ou ‘reencantamento’ pela religião, uma vez que no século XIX houve o desencantamento do fenômeno religioso. A religião assim passou a ter um caráter de luta, com a ascensão da Democracia, segundo Durkheim¹⁶. Porém, para Leonardo Boff¹⁷, essas lutas vão ser freadas a partir da afirmação dos Estados liberais e Neo liberais¹⁸. No Brasil, essa perspectiva ganhou fôlego após os anos 80, do século passado, quando os diversos movimentos religiosos saem do bojo dos Movimentos Sociais e se afirmam como espaços somente de configuração do sagrado.

2. Religiosidades e Movimentos Sociais na Amazônia

No espaço amazônico, percebemos ainda poucos trabalhos acerca do tema aqui ilustrado. O antropólogo Charles Wagley¹⁹ é um dos poucos acadêmicos que se propôs a pesquisar o espaço rural da Amazônia, com um trabalho na comunidade do Itá, localizada na região do salgado paraense, e asseverou que a Igreja pouco faz por melhorar as condições de vida para uma população que, segundo ele, carecia de ampla assistência. Analisou que o maior envolvimento religioso se constituía em festas de santo, quando a comunidade se reunia em prol da obtenção de ganhos, revertidos para a paróquia da cidade²⁰.

¹⁵ WEBER, Max. *Economía y sociedad*: esbozo de sociología comprensiva. México: Fondo de la Cultura Económica, 1974.

¹⁶ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Introdução e Conclusão. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

¹⁷ BOFF, 1998.

¹⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

¹⁹ WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*: um estudo do homem nos trópicos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

²⁰ WAGLEY, 1988.

Outro antropólogo, com trabalhos mais recentes sobre o catolicismo na Amazônia é o pesquisador Heraldo Maués, que também concluiu que o catolicismo tem se distanciado²¹ dos Movimentos Sociais. Segundo ele, foi no pós anos 80 do século passado que a catequese foi a melhor maneira de fazer com que mais fiéis retornassem à Igreja, ou seja, com experiências voltadas propriamente para o religioso, mas isso não implica que a Igreja Católica tenha abdicado de uma postura de conscientização dos fiéis, quanto aos problemas sociais, como o saneamento, fome, violência, tráfico de drogas, prostituição, entre outros flagelos cotidianos sofrido pela população.

No contexto amazônico, nos últimos anos, no que tange às lutas sociais, ora a Igreja se fez íntima dos movimentos sociais, ora se apartou de tais grupos. Segundo Maués²², mesmo que a Igreja não tenha se voltado para as lutas sociais, o fato de as pessoas com fortes relações de compadrio se ligarem ao espírito de comunidades religiosas faz com que, unidos, consigam, de alguma forma, que suas vozes sejam ouvidas por parte dos governantes em prol de melhorias sociais.

Dessa maneira, partindo desse cenário, buscamos explorar a relação das congregações de vertente neo e pentecostal e seu envolvimento com as lutas por melhores condições de vida da comunidade, bem como se houve ou há alguma interferência ou participação de representantes ou leigos religiosos nos Movimentos Sociais, seja para fortalecer ou não os mesmos. Pensar tal relação nos remete à articulação da religião cristã/evangélica com as lutas provenientes da insatisfação política dos moradores, e de diferentes grupos religiosos que ali se articulam, no intento de buscar entender a razão do fato de, em lugares marcados por igrejas evangélicas, como a comunidade Maúba, não haver uma fortalecida ação coletiva por meio de entidades de classe ou categoria, como observado em outras comunidades.

²¹ Tal distanciamento ocorreu após a década de 80, do século passado, isso devido a crise do socialismo real e, sobretudo, a implementação das políticas de cunho neo-liberal e a recessão econômica tiveram importantes reflexos nas classes populares e na capacidade de mobilização de alguns movimentos sociais (Lesbaupin et al 2004). Nesse bojo as CEB's começam a perder espaço nas diversas regiões da Amazônia, o contrário é o fortalecimento das concepções de salvação, lugar onde o pentecostalismo deita suas raízes e ganha muito fôlego.

²² MAUÉS, 2010.

3. Espaço Marcado pelo Sagrado: a comunidade rural Maúba e suas relações nas lutas sociais

A comunidade do Maúba é uma área rural que pertence à cidade de Abaetetuba, localizada na parte oriental da Amazônia. A comunidade possui uma vasta população a viver em área rural, isto é, às margens da rodovia PA, a maioria reside em casas simples de alvenaria e madeira, com luz elétrica, sem água encanada ou saneamento básico adequado. A comunidade é composta por uma população que religiosamente se divide em católicos e evangélicos, vertentes religiosas presentes na comunidade: a católica com um número razoável de membros, o pentecostalismo com um número expressivo de fiéis, divididos em várias congregações. É facilmente perceptível o poder que as igrejas evangélicas exercem na região.

Os Movimentos Sociais na região do Maúba já contaram com uma intensificação maior do que há atualmente, consoante a fala dos entrevistados.²³ A comunidade já se organizou anteriormente em prol de várias lutas, como a busca por melhorias da estrada, construção da ponte, reivindicação na educação e na saúde. Porém, grande parte dos entrevistados não entendem a concepção ou conceituação do que vem a ser os Movimentos Sociais, isto é, não sabem que os Movimentos Sociais são entidades organizadas por categoria ou classe social para a defesa de bandeiras de lutas ou ações coletivas que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas²⁴. É possível perceber algum problema de entendimento na fala da jovem D.S., da igreja evangélica Assembleia de Deus, indagada se durante o tempo que tem participado da igreja evangélica percebeu alguma relação entre sua igreja e os movimentos sociais? D.S: “[...] *esses movimentos sociais é, como assim?*”²⁵.

Essa questão se refere a importância dos Movimentos Sociais não excluem a participação das pessoas dentro deles, e algumas vezes são

²³ A metodologia de utilização apenas das letras iniciais dos nomes dos entrevistados/as teve com intuito apenas melhorar a fluidez das narrativas presentes no texto, pois os entrevistados citados nessa pesquisa autorizaram o uso de suas narrativas e identidades.

²⁴ GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 47, p. 333-361, maio-ago. 2011.

²⁵ D.S. 18 anos. Grupo de jovens. Congregação Nova Betel.

entendidos de uma outra forma, ou até mesmo confundidos com os movimentos religiosos, como é o caso de um outra jovem, líder de um grupo dentro da igreja pentecostal, indagada se ela havia participado de algum Movimento Social: “[...] *participo dos grupos de jovens e também como liderança, também de jovens, a gente trabalha com a evangelização, todo ano temos os encontros regionais estadual [...]*”²⁶.



Fig. 3 – Moradores da zona rural em casa de madeira, típicas da região amazônica. Ilha do Marajó. Fonte: Foto de Joaneldo Silva, Olhar fotográfico, 2020.

Podemos perceber a confusão gerada para os entrevistados quanto a diferença entre as lutas sociais, aos movimentos religiosos ou ainda as missões, como denominado pela maioria dos evangélicos, com as lutas empreendidas pelos Movimentos Sociais organizados propriamente ditos²⁷. Essa falta de compreensão se deve, talvez, à vivência no interior da igreja evangélica, já que as duas jovens acima cresceram no evangelismo neopentecostal. Segundo Almeida²⁸, essas vertentes sempre estiveram

²⁶ F.S. 23 anos. *Líder de jovens. Igreja da Madureira. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará*, março de 2018.

²⁷ Outra hipótese também possível é que eles conhecem a finalidade/ações/práticas dos movimentos sociais e não propriamente o conceito “movimentos sociais”.

²⁸ ALMEIDA, 2004.

voltadas para a salvação da alma. Isto é, deixam de lado a preocupação com os problemas sociais e procuram exclusivamente a própria salvação. De acordo com Weber²⁹, a religião cristã se ocupa também, no permanente autocontrole do devoto na recusa ao gozo mundano. Indagada se poderia citar algum tipo de conquista coletiva trazida por meio dos Movimentos Sociais existentes na Comunidade, H.L. relatou: “[...] *o que a gente pode ver uma simples melhoria nessa estrada aí, que já está quase a mesma coisa de antes, fora disso, só misericórdia de Deus por ‘nóis’*”³⁰.

Nesse trecho da fala, de uma das entrevistadas do círculo de oração da igreja Assembleia de Deus, é possível identificar uma aceitação por parte dela, ao dizer que foram feitas somente melhorias simples, e que só “*resta a misericórdia de Deus por nois*”, ou seja, não há nada que se possa fazer, a não ser esperar por Deus, é exatamente para essa ética que Weber chama a atenção. Assim como ressaltou Zélia Soares, que há nas pessoas a esperança de que tudo pode mudar para melhor a qualquer momento, porque Deus, segundo ela, é grande e não abandona, e sim ajuda, “Deus com certeza irá nos ajudar, Deus é grande, Ele é pai e não padrasto”³¹.

Outra característica comum aos entrevistados foi quanto à participação efetiva nos Movimentos Sociais, de dez entrevistados, apenas três disseram que participaram efetivamente de algum movimento de luta social, e três pessoas de viés católico, enquanto o restante, que nunca participou de nenhum movimento, é inteiramente evangélico. A maioria dos entrevistados de cunho evangélico não se envolvem nos movimentos sociais, seja pela falta de incentivo da igreja, seja porque somente os interessa a vida em um outro plano. Assim, questionada sobre sua inserção a partir de sua igreja nos Movimento Sociais, ou se sua igreja apoia os Movimentos Sociais, F.S. respondeu: “*depende porque muitos movimentos não vão de acordo com os conceitos e doutrina da igreja...*”³².

²⁹ WEBER, 1974.

³⁰ H. L. *Círculo de oração. Congregação Nova Betel. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará*, março de 2018.

³¹ SOARES 1993 apud RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Recife, v. 19, n. 1, p. 17-42, 2008.

³² F.S. 23 anos. *Líder de jovens. Igreja da Madureira. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará*, março de 2018.

Constata-se que a narrativa de F.S. é verossímil, pois é endossada por outro entrevistado de outra igreja, também evangélica, que assegura na escritura bíblica a (i)mobilidade de ‘seus’ féis:

Não, não há isso aqui, a gente luta pela paz né, (digo assim) mesmo a gente sabe, a Bíblia diz que não é por força e nem violência, pra gente conseguir algo, acredito que é conversando com a consciência de cada um, cada um fazendo sua parte, mas eu não incentivo não, essa parte aí não, a gente, quando tem alguma necessidade, a gente se reúne pede a Deus né para que as sejam resolvidas, que a gente sabe que assim não resolve, se resolvesse já ‘tava’ tudo resolvido (risos)...³³.

Analisando as duas falas, a primeira de uma jovem da igreja da Madureira e a segunda, do pastor líder geral da Assembleia de Deus, percebemos que as igrejas de cunho pentecostal não incentivam os membros a participarem e reivindicarem seus direitos nas lutas por melhorias coletivas. Podemos ainda observar o eminente caráter da oração e da espera da providência divina, isto é, da conformidade com essa vida. Além disso, a fala da jovem, conforme se pode perceber, deixa claro que nem todos os Movimentos Sociais estão de acordo com as doutrinas de sua igreja, talvez seja esse um dos motivos pelos quais haja menor participação dos evangélicos dentro das entidades de Movimentos Sociais da comunidade. Quanto ao papel do líder religioso das igrejas pentecostais, segundo as falas dos entrevistados, permite-nos dizer que há pouco incentivo para as lutas sociais, pois: “não, o que ele faz é ir atrás das pessoas quando elas se afastam da igreja...”³⁴ ou “*círculo de oração. Congregação Nova Betel*”³⁵ e “*o papel dele? que dizer do pastor né? O papel dele é ensinar o que tá na bíblia...*”³⁶.

Pois, o que os relatos precedentes permitem inferir, que o papel dos líderes religiosos evangélicos fica restrito a “ensinar o que está na Bíblia”,

³³ Pastor E. Líder Geral. Igreja Assembleia de Deus. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

³⁴ H.S. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

³⁵ H.L. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

³⁶ D.I. Regente círculo de oração. Congregação Nova Betel. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

e também a cuidar dos membros, para que estes não se afastem de suas igrejas evangélicas e acabem mudando de religião. Enquanto os evangélicos pouco participam dos Movimentos Sociais ou deles não se envolvem diretamente, os católicos, apesar de terem perdido nos últimos anos a identidade como combatentes em prol do benefício coletivo, não deixaram de incentivar os membros a participarem das lutas sociais e muito menos de conscientizá-los sobre os mais diversos descasos na comunidade atual do Maúba. Nota-se, na fala dos entrevistados, assim “*na minha opinião sim, muitas vezes vai do interesse da pessoa, do cristão, muitos escolhem ir e muitos não*”³⁷. Questionado se havia algum tipo de incentivo da sua igreja (católica) para que seus membros tomassem parte nas lutas dos Movimentos Sociais, T.C., relatou: “[...], a Igreja Católica é a que mais traz os benefícios para sociedade na verdade né, que é como a exploração sexual de crianças e adolescentes, a lei Maria da Penha, essas coisas que sempre foi a igreja católica que puxou, entendeu [...]”³⁸.

Segundo Heraldo Maués³⁹, as igrejas ainda mantêm, em alguns casos, posturas de incentivo e conscientização quanto aos problemas que a sociedade enfrenta hoje em dia, tais como, a péssima educação, violência, drogas, exploração sexual, etc. São temas tratados na campanha da fraternidade em anos intercalados. Além da campanha da fraternidade, é comum também, dentro do grupo de jovens, serem abordados temas que tratem dos problemas sociais. Assim, percebe-se como a Igreja Católica ainda se encontra ligada aos problemas sociais, mesmo que esta não esteja diretamente envolvida no enfrentamento e nas organizações das lutas, na comunidade do Maúba pode se ver que ainda há essa contribuição.

Nesse espaço igualmente podemos vislumbrar o envolvimento dos católicos com as lutas em prol de melhorias, pois os próprios membros estão envolvidos em sindicatos, ações, e organizações na região do Maúba. Sendo, tal participação, uma característica peculiar aos adultos, pois os jovens pouco se envolvem nos Movimentos Sociais, assim “[...] a Imaculada ela é coordenadora da comunidade Católica e conselheira ao

³⁷ D.P. Grupo de jovens. Igreja católica Cristo Salvador. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

³⁸ T.C. ex-Líder. Igreja católica Cristo Salvador. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

³⁹ MAUÉS, 2010.

mesmo tempo, o Roni hoje ele faz parte da equipe de liturgia, e é também delegado sindical...⁴⁰.

É interessante que, tanto os católicos quanto os evangélicos, consideram os Movimentos Sociais como importantes para a conquista de melhorias para a comunidade, todavia, como se vê nas falas dos interlocutores, os evangélicos pouco se envolvem nas lutas sociais. Vejamos diferentes repostas dadas à pergunta se eles consideravam os Movimentos Sociais importantes dentro da comunidade: “*são, muito, porque muitas das vezes, hoje os, entre as aspás, e os chefes eles tomam muitas decisões sem consultar o povo, entendeu? e essas reuniões são muito importantes para todo mundo saber o que vai ser tratada ali, o que não vai, e o que vai ser feito...*”⁴¹. Ou ainda: “*sim, são importantes é em momentos que agente ver, que a comunidade precisa de algo, então a igreja se mobiliza junto à comunidade, e isso vem fazendo com que a gente consiga melhorias pra comunidade*”⁴².

Outro dado passível de análise se refere à fala da jovem evangélica quanto ao envolvimento da igreja nos Movimentos Sociais, embora em outra fala da mesma jovem ela tenha dito que alguns Movimentos Sociais vão de encontro à doutrina da sua igreja. Segundo Almeida⁴³, o que mais se vê entre os evangélicos do Brasil afora é a filantropia, característica distinta de militância ou envolvimento em Movimento Sociais.

Anteriormente, quando os Movimentos Sociais estavam em ascensão na referida comunidade, houve várias conquistas que beneficiaram a todos por meio da luta e engajamento da coletividade. As várias manifestações que reuniam e uniam as pessoas conquistaram, por exemplo, a construção da ponte, do posto de saúde, escola de Educação básica dentro da própria comunidade, transporte escolar e melhoria na estrada, tudo isso fruto da mobilização que havia na

⁴⁰ T.C. ex-Líder. Igreja católica Cristo Salvador. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

⁴¹ D.P. Grupo de jovens. Igreja católica Cristo Salvador. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

⁴² F.S. 23 anos. Líder de jovens. Igreja da Madureira. Comunidade Maúba Estrada, Abaetetuba, Pará, março de 2018.

⁴³ ALMEIDA, 2004.

comunidade e hoje em dia se encontra inexpressiva ou imobilizada, resultante, possivelmente, da mudança de governo no País, antes popular e agora à direita, aditada pela insurgência dos evangélicos no campo religioso, já que as lutas não são a preocupação última daquela doutrina, e sim outros objetivos espirituais, como a oração, jejum, salvação, etc. Segundo Donizete Rodrigues⁴⁴, esses novos movimentos visam “introduzir uma visão mais espiritual e uma nova filosofia de vida na sociedade”. Assim, percebe-se que os Movimentos Sociais na comunidade Maúba estão cada vez mais imobilizados nessa nova fase da religião cristã popular ou, como enfatizou Prandi⁴⁵, isso se caracteriza no reencantamento do mundo.

Conclusão

As mudanças ocorridas recentemente no campo religioso na Amazônia e no Brasil afora dizem muito a respeito do atual cenário dos Movimentos Sociais na comunidade do Maúba, pois se observou que a emergência dos evangélicos, somada ao arrefecimento da Igreja Católica das lutas sociais, proporcionaram fatores que culminaram na diminuição dos Movimentos Sociais na comunidade.

Este estudo evidenciou que a diversidade religiosa e o crescente número de congregações evangélicas, sobretudo de viés neopentecostal, não favorecem a participação no contexto dos Movimentos Sociais organizados, pois as congregações cristãs têm o poder de propiciar o sentimento de conformidade nas pessoas quanto aos problemas sociais, e despertar o interesse nas forças espirituais, isto é, no divino, na esperança de que tudo vai se resolver um dia, ou na outra vida, quando a paz tão almejada será conquistada. Por mais que a igreja católica dessa comunidade incentive a participação dos fiéis nos movimentos, o que se viu foi que a maioria das pessoas, católicos e/ou evangélicos, de fato abandonaram ou relegaram para o plano espiritual a luta em prol de melhorias.

⁴⁴ RODRIGUES, 2008.

⁴⁵ PRANDI, 1997.

Este trabalho apontou reflexões sobre as inter-relações entre os Movimentos Sociais e as Religiosidades e buscou problematizar o distanciamento da participação e atuação de féis católicos e evangélicos junto aos Movimentos Sociais, seja pela força da religiosidade, seja pelas transformações na sociedade, seja pela conciliação da religião aos Movimentos Sociais. Conclui-se, no entanto, que há um ‘abandono’ ou “queda” da luta coletiva, e uma preocupação a mais com a alma, isto é, com a salvação eterna, do que com os problemas sociais do dia a dia, principalmente entre os evangélicos. Sendo assim, com este trabalho pretendemos contribuir para a discussão em torno dessa temática e das intrínsecas relações entre Religiosidade e Movimentos Sociais, bem como vislumbrar o debate entre as lutas sociais por melhores condições de vida e dignidade humana das comunidades rurais na Amazônia Tocantina.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo R. M. Religião na Metrópole Paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27, 2004.
- BOFF, Leonardo. *O despertar da águia*. O di-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Introdução e Conclusão. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 47, p. 333-361, maio-ago. 2011.
- LACERDA, Paula Mendes. Movimentos sociais na Amazônia: articulações possíveis entre gênero, religião e estado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n. 1, p. 153-168, jan./abr. 2013.
- MACHADO, Maria das Dores C.; MARIZ, Cecília L. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas

- pentecostais, as comunidades eclesiais de base e os grupos carismáticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.
- MARA, Eduardo. Do ópio do povo ao Re-Encantamento do mundo: religião e religiosidade em Marx Weber. *Revista Inter-Legere*, Natal, n. 2, p. 1-9, 23 dez. 2013.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010.
- MENEZES NETO, Antonio Julio de. As Relações da Igreja Católica com os Movimentos Sociais do Campo: a ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no MST. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 232, p. 1-10, 2008.
- MONTEIRO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, CEBRAP, n. 74, p. 47-65, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 63-70.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). *Experimentos com história de vida. (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.
- RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Recife, v. 19, n. 1, p. 17-42, 2008.
- WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: um estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. México: Fondo de la Cultura Económica, 1974.

Submetido em: 31/07/2020

Aceito em: 24/11/2020